



# Práticas sexuais implícitas nas redes sociais: PrEP e HIV no continuum on/offline brasileiro

**Palavras-Chave:** Saúde sexual; PrEP; Discurso de ódio

**Autores(as):**

Otávio Osaki Cruz, IA – Unicamp

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iara Aparecida Beleli (orientadora), PAGU - Unicamp

---

## INTRODUÇÃO:

Este projeto propõe a análise das repercussões acerca dos temas “saúde sexual” e “Infecções Sexualmente Transmissíveis” (ISTs), sob a óptica do pânico moral e dos discursos de ódio, na plataforma X/Twitter, com um enfoque nos discursos que circulam sobre a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP). Partimos do entendimento de que não existe uma separação entre online e offline, na verdade, pelo contrário, existimos em *continuum on/offline* (Beleli; Pelúcio, 2018), em que os discursos e acontecimentos se imbricam e se dão em conjunto. Ao considerar o Twitter/X como espaço de produção de visibilidade e reconhecimento (ou não) de corpos e práticas dissidentes, articulamos essa dinâmica à noção de cultura participativa (Jenkins, 2009), entendida aqui não como sinônimo de democracia plena, mas como campo de disputas políticas intensificadas pela arquitetura algorítmica da rede (Recuero, 2017). O projeto reconhece que a PrEP é mais do que uma tecnologia biomédica de prevenção: ela é um artefato cultural em torno do qual se condensam tensões históricas e simbólicas sobre o HIV/AIDS, especialmente no Brasil. A presença de discursos odiosos ou moralizantes revela a permanência de estigmas que remontam às primeiras décadas da epidemia, como mostraram Calazans, Parker e Junior (2022), e atualizam, nos ambientes digitais, formas de controle e exclusão moral sobre os corpos dissidentes.

## METODOLOGIA:

Esta pesquisa tem sido conduzida por meio da articulação de diferentes técnicas metodológicas. Em uma frente, realizo uma revisão bibliográfica sobre a história da sexualidade enquanto campo de tensionamentos, com ênfase na epidemia de HIV/Aids e nas reconfigurações dos olhares e disputas que emergem em torno dela. Também são de interesse para este estudo as etnografias digitais e as proposições teóricas acerca do sistema sexo-gênero-desejo, amplamente discutidas por autores como Gayle Rubin, Michel Foucault, Judith Butler, Monique Wittig, entre outros.

Paralelamente, utilizo o mecanismo de busca da plataforma X/Twitter com o objetivo de identificar e analisar discussões públicas relacionadas a essas temáticas, explorando suas nuances e contextos. Para isso, têm se mostrado especialmente relevantes determinadas palavras-chave, como “ISTs”, “DSTs” e “PrEP”, além de suas variações. Uma ofensa recorrente direcionada a pessoas que fazem uso da PrEP, por exemplo, é chamá-las de “poço de ISTs”, além de associá-las a ideias de “nojo” e “sujeira”.

A partir da revisão bibliográfica e da coleta e análise de postagens e repostagens com base nas palavras-chave mencionadas, tem sido possível identificar não apenas o vocabulário comumente mobilizado para atacar ou menosprezar usuários da PrEP, mas também estabelecer comparações entre comentários recentes e outros relativamente anteriores (de 2023). Encontra-se em andamento a análise final do material coletado durante o trabalho de campo, em diálogo com a bibliografia pertinente sobre discursos de ódio, pânico morais, filtros-bolha e dinâmicas das redes sociais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A análise do material coletado nas redes sociais, especialmente na plataforma X/Twitter, revela a persistência da centralidade da moral sexual como força reguladora dos discursos públicos sobre práticas e identidades dissidentes, em especial aquelas relacionadas ao uso da PrEP, ao sexo entre homens e a formas não normativas de relacionamento. As postagens analisadas, em sua maioria, partem de exposições pessoais, como a retirada de frascos de PrEP, experiências em saunas gays ou desabafos sobre relações abertas, e geram reações marcadas por discursos de ódio, estigmatização e mesmo tentativas de exclusão social. Trata-se, portanto, de um campo discursivo em que se atualizam as normas regulatórias que estruturam o sistema sexo-gênero-desejo e sua estabilidade, conforme abordado por autores como Gayle Rubin (2017), Michel Foucault (2014) e Judith Butler (2003). A sexualidade, nesse contexto, pode ser compreendida como dispositivo, nos termos de Michel Foucault (2014), ou seja, como articulação de saberes, instituições, normas e práticas que atravessam os corpos, regulam os prazeres e produzem sujeitos. A partir desse dispositivo, certas práticas sexuais passam a ser objeto de vigilância, regulação e intervenção, ao mesmo tempo em que outras são naturalizadas e legitimadas. As reações negativas observadas nas redes sociais funcionam, portanto, como atualizações cotidianas desse dispositivo, repondo continuamente os limites entre o aceitável e o abjeto no campo da sexualidade.

A hierarquia sexual descrita por Rubin, por sua vez, se expressa de forma explícita. Postagens que evocam práticas não monogâmicas, sexualidade fora do casamento, uso de PrEP ou presença em espaços voltados ao sexo sem compromisso, como saunas, são automaticamente reposicionadas na ponta do “sexo mau”, ou seja, um sexo considerado perigoso, promíscuo e desviante, como vemos na seguinte transcrição de um dos posts analisados, feito em resposta à foto de um autoteste de HIV: “Você força tanto para defender PrEP, mas a gente sabe que gay que usa não passa muita credibilidade.”. Esse reposicionamento frequentemente vem acompanhado de ofensas e acusações, como a associação entre o uso da PrEP e a propagação de infecções sexualmente transmissíveis. É o que Rubin nomeia como “efeito dominó”: a ideia de que qualquer comportamento sexual que desvie da norma desencadearia uma série de consequências maléficas, em que o sexo fora do padrão heteronormativo é visto como porta de entrada para a decadência moral e biológica.

Outro exemplo, é uma postagem em que seu autor diz “E volta para casa cheio de IST para passar para este querido. aí, deus me livre. gente ESQUISITA. Saudades do tempo que a galera tinha vergonha de falar em relacionamento aberto.”. Este escrito se deu a partir de uma “repostagem” (ferramenta essencial para nossa análise, visto que ela permite maior difusão, a partir da participação e interação entre os usuários), em que outra pessoa discutia sobre as supostas benesses de um relacionamento aberto. Além de também ressaltar as ISTs e de atribuir aos praticantes deste “sexo mau” o rótulo de “gente esquisita”, é interessante ver a sugestão do autor ao silêncio e à vergonha que deveria ser, naturalmente, evocada ao se falar sobre esse assunto. Para Foucault (2014), a sociedade disciplinar não atua na lógica da interdição (“não deverás”), mas na força positiva (“deve-se falar de tal modo”), ou seja, falar sobre a anormalidade em público não é proibido, mas deveria trazer vergonha ao interlocutor, uma incitação sutil a como dar forma esse discurso e à exigência de dizê-lo em determinado ambiente,

que, seguramente, não é o público. Em complementação, Butler (2014) aponta as operações das normas, que apesar de difusas, quando traídas em suas expectativas, traz impactos sociais para aqueles que a traíram, no caso aqui a abjeção e a vontade de exclusão desses corpos da ordem social. Já Goffman (1975) reflete sobre a responsabilidade do estigmatizado de ter de balancear o próprio estigma quando diante de um dever moral, ou seja, se vai encobrir ou expor seu estigma. Ele argumenta que, embora muitas vezes as pessoas "normais" se vejam como tolerantes, na prática elas impõem condições para a aceitação do estigmatizado. Em outras palavras, a aceitação só ocorre se o indivíduo fizer um esforço ativo para se encaixar e não desafiar as normas estabelecidas.

Esses discursos também evidenciam uma articulação entre estigma e norma. Como propõe Foucault (2014), o poder disciplinar atua não apenas pela proibição, mas pela regulação do que deve ser dito e como deve ser dito. Falar sobre sexo fora da norma pode não ser proibido, mas deve ser acompanhado de vergonha, silêncio ou culpa. Isso se expressa na sugestão frequente de que certos temas não deveriam ser debatidos em público, ou que seus sujeitos deveriam “se envergonhar”. Parece ser uma forma de disciplinar os corpos, como apontam tanto Judith Butler (2003), como Erving Goffman (1975). A produção da norma opera tanto pela exclusão direta do que se pretende proibir quanto pela exigência de incorporação parcial. É nesse sentido que se pode compreender a tentativa de certos usuários da rede social de demarcar uma fronteira entre “gays normais” e “gays desviantes”, por vezes sugerindo que apenas certos corpos e discursos são autorizados a falar sobre prevenção, sexo ou saúde. As postagens analisadas, especialmente aquelas que recebem alto engajamento negativo, como a do autoteste de HIV, revelam como as redes sociais operam como arenas privilegiadas de atualização das moralidades, como argumenta Richard Miskolci (2021). Como destaca Jeffrey Weeks (2000), os pânico morais não são reações espontâneas a perigos reais, mas sim formas de reforço das fronteiras morais da nossa sociedade. A figura do “usuário de PrEP promíscuo” ou do “gay da sauna” funciona como bode expiatório que reafirma as normas sexuais por contraste com o que se entende por “sexo bom”.

Um ponto de destaque é a ideia de que a internet oferece um espaço seguro para a manifestação de discursos violentos e estigmatizantes. A recorrência de comentários preconceituosos, feitos por pessoas que se reconhecem como gays, parece sustentada por um sentimento de impunidade, como se o ambiente digital suspendesse as consequências jurídicas e éticas do mundo offline. Contudo, como mostra a análise, on e offline formam um contínuo de relações sociais e normativas, em que violências se retroalimentam e se amplificam mutuamente (Beleli; Pelúcio, 2018). É importante destacar, ainda, os gestos contraditórios presentes em algumas postagens. Por exemplo, a tentativa de silenciar os próprios usuários de PrEP em nome da prevenção revela um movimento que promove a exclusão dos sujeitos estigmatizados. A sugestão de um “pacto de silêncio” entre usuários de PrEP demonstra um desconhecimento histórico dos movimentos de luta contra a AIDS, como o lema *Silence = Death*. Há aqui um apagamento da memória de uma comunidade, que pode contribuir para o aprofundamento da estigmatização e para o esvaziamento das estratégias de cuidado e visibilidade, tão importantes na história dos ativismos LGBTQIA+.

Essa disputa entre discursos de exclusão e reivindicações de direito pode ser compreendida também à luz do histórico da epidemia de HIV/Aids no Brasil. Como analisam Calazans, Parker e Junior (2023), é possível dividir a história da Aids em ondas sucessivas: da resposta comunitária e ativista nos anos 1980 à crescente institucionalização e rebiomedicalização nas décadas seguintes. Na quarta e quinta ondas, especialmente, percebe-se um apagamento do engajamento político em prol de uma lógica majoritariamente biomédica, que apesar de apostar em uma “prevenção combinada”, ainda incorre em discursos biomédicos prioritariamente. Essa mudança ajuda a entender por que muitos discursos atuais descolam a PrEP de sua dimensão coletiva e histórica, como apontado em parágrafos anteriores, tratando

o cuidado com a saúde sexual como uma escolha individual desvinculada de disputas sociais. A despolitização da prevenção, quando aliada à personalização algorítmica das timelines (Recuero, 2017), favorece o esvaziamento da memória coletiva da epidemia e a circulação de narrativas que culpabilizam sujeitos por suas práticas sexuais, numa cultura participativa que nem sempre é inclusiva (Jenkins, 2009), mas sim marcada por conflitos, exclusões e vigilância moral entre pares.

## CONCLUSÕES:

Em síntese, as interações analisadas têm evidenciado que os discursos sobre sexualidade nas redes sociais continuam operando sob as lógicas profundamente moralizantes e hierarquizantes, que reatualizam normas de gênero, desejo e comportamento sexual. A violência simbólica (e muitas vezes literal) direcionada a sujeitos dissidentes reforça a urgência de compreendermos as redes como espaços atravessados por normas históricas, morais, políticas e sociais, e não como ambientes neutros. A “hierarquização” continua sendo a palavra-chave, seja no que diz respeito às práticas sexuais, aos sujeitos autorizados à fala ou aos modos legítimos de existência.

A sexualidade, enquanto dispositivo, continua a operar como eixo central na produção de hierarquias morais e sociais nas redes digitais. As reações a postagens sobre a PrEP, relações abertas e práticas sexuais dissidentes revelam a persistência de normas que classificam corpos, desejos e afetos em termos de pureza e desvio. As redes sociais não apenas reproduzem discursos de ódio e estigmatização, mas também os produzem e intensificam, criando zonas de vulnerabilidade marcadas pela moral sexual. Ao tensionar o sistema sexo-gênero-desejo e expor a fragilidade da norma, os sujeitos que se expõem online, mesmo em gestos cotidianos de afirmação de si, acabam por enfrentar uma lógica que ainda estrutura o imaginário coletivo sobre o “sexo bom”. A crítica a essas hierarquias permanece, assim, tarefa urgente para os estudos de sexualidade.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Beleli, Iara; Pelúcio, Larissa. “Aperte play para iniciar: desafios metodológicos de pesquisas nas mídias sociais.” *In*: França, Isadora Lins; Durão, Susana. (Org.). **Pensar com método**. 1 ed. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, p. 117-144, 2018
- Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Butler, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu**, v.42, n.1, p.249-274, jan./jun., 2014.
- Calazans, Gabriela J.; Parker, Richard.; Junior, Veriano T. Refazendo a prevenção ao HIV na 5ª década da epidemia: lições da história social da Aids. **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 46, n. especial 7 dez, p. 207–222, 2023. Disponível em: <<https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/7616>>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- Foucault, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.
- Goffman, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975
- Jenkins, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

Miskolci, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico midiaticizada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Recuero, Raquel; Zago, Gabriela; Bonow, Felipe. **Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter**. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS). (26.: 2017 jun. 06-09: São Paulo, SP). [Anais]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017.

Rubin, Gayle. **Políticas do Sexo**. São Paulo, SP : Ubu, 2017.

Weeks, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Louro, Guacira Lopes (org.). Autêntica: Belo Horizonte, 2000.